

Duplicata VISTO III, 951 (=) 15-9

JE. BERNARDO DA SILVA

# Otaciiana e Esmeraldina



PREÇO:

Cr. \$ 3,00

Dupl. Cat. 885

JÉ BERNARDO DA SILVA  
HISTÓRIA DE  
OTACIANA e  
ESMERALDINA

---

Se não me faltarem rimas  
Eu contarei desta vez  
A história de duas vidas  
Por causa dum portuguez  
Na capital Federal  
Em novecentos e trez

ARTEZA. [ A primeira se chamava  
Esmeraldina Dlogo,  
A segunda Otaciana,  
Neta de Cancão de Fogo;  
Portanto, vamos saber  
Quem foi que ganhou no jogo

Quando Otaciana tinha  
Quatorze anos de idade  
Pela sua formosura  
Comportamento e bondade  
Era bastante querida  
De qualquer sociedade

E por ser grande modista  
Andava muito decente  
Pois sempre estava a ganhar  
Dinheiro suficiente  
Para si e sua mãe  
velha, viuva e doente

Esmeraldina tambem  
Era linda sem igual,  
Filha de Rita Diôgo  
Porém sendo natural  
Mas tinha com pai dele  
Um banqueiro Federal

O portuguez João Viana  
D'uma be-eza supina  
Moço de 18 anos,

Vendo um dia Esmeraldina  
Não tomou-a por mulher  
Se não por sombra divina

Por isto logo Viana  
Declarou-lhe um casamento  
Mas ela ao dar-lhe o sim  
Exigiu-lhe um juramento  
Dele não olhar a outra  
Desde aquelle momento

Em vista disto Viana  
Ofereceu-lhe um punhal  
Dizendo: tome este ferro  
E dê-me um golpe fatal  
Quando tiver a certeza  
Que lhe dei uma rival

Na folha deste punhal  
João Viana tinha então,  
Escrito um dia o seu nome  
Em um lado em toda extensão  
Com letras subdouradas  
A punho de sua mão

Esmeraldina guardando  
 O punhal do portuguez  
 Lhe disse: nunca se esqueça  
 Do presente que me fez  
 Porque se me for perjuro  
 Irá morrer desta vez

Chamando logo a mãe dela  
 Mandou qu'esta destinasse  
 O tempo que poderia  
 Efetuar seu enlace  
 Sua mãe lhe deu seis mezes  
 Para melhor preparar-se

Quando o pai de Esmeraldina  
 Soube do seu casamento  
 Com o portuguez Viana  
 Juato a seu consentimento  
 Ofereceu-lhe um sobrado  
 Passado por documento

Esmeraldina se vendo  
 Dona de um rico sobrado  
 Começou tratar o noivo  
 Com desprezo e desagrado  
 E não tardou encontrar  
 Outro louco apaixonado

Então este apaixonado  
 Que Esmeraldina encontrou  
 Era um velho muito rico  
 Por isso ela aceitou  
 Os seus cortejos de amores  
 E com ele se casou

O portuguez João Viana  
Vendo se assim despresado  
Embarcou para S. Paulo  
Onde se fez empregado  
Num armazem de ferragens  
Ganhando um bom ordenado

Esmeraldina depois  
Que se fez mulher casada  
Se julgou cheia de orgulho  
Por seu marido adorada  
Porque por sua riqueza  
Era bastante estimada

Logo não tardou ser mãe  
Duma criança importante  
Pois era um louro garrido  
Muito gordo e bem galante  
Que lhe trazia o sorriso  
Toda hora todo instante

Neste tempo vindo ao Rio  
O portuguez João Viana  
Vender máquinas de coser  
Durante o mez de Sat' Ana  
Um dia teve de entrar  
Na casa de Olaciana

O portuguez avistando  
Esta palida donzela  
De estatura mediana  
Buço azul morena e bela  
Procurou louco de amor  
A namorar-se com ela

Otacíana também  
 Vendo nele um bom intento  
 Procurou informações  
 Sobre o seu procedimento  
 E tendo boas notícias  
 Deu-lhe o sim pra casamento

No dia que Otacíana  
 Alimentou seu namora(0)  
 Dando sim a João Viana  
 Vendo nele o seu tesouro  
 Esmeraldina cobriu-se  
 De tristeza luto e choro

AIMA

Porque a tirana morte  
 Com sua mão soberana  
 Veiu matar-lhe o marido  
 Naquela mesma semana  
 E João Viana se fez  
 Noivo de Otacíana

Esmeraldina se vendo  
 Na vida de viuvez  
 Lembrou-se de João Viana  
 E da jura que ele fez  
 E logo teve a lembrança  
 De namora lo outra vez

Estando já em S. Paulo  
 O portuguez João Viana  
 No serviço do patrão  
 Numa luta deshumana  
 Esperando com seus lucros  
 Esposar Otacíana

Um dia ao cair da tarde  
 Um negro deu-lhe um recado  
 Que uma senhora bonita  
 O fazia convidado  
 Que ele fosse ve-la a noite  
 Em um hotel destinado

As oito horas da noite  
 João Viana procurou  
 No hotel qual a senhora  
 Que pra ve-lo o convidou  
 Então com Esmeraldina  
 Sem esperar se encontrou

Viana quando avistou-a  
 Se mostrou aborrecido  
 Mas ela não se importando  
 Logo lhe fez um pedido  
 Dizendo: queira escutar-me  
 Embora que constrangido

Viana então consentiu  
 Ouvir o que ela queria  
 Caminharam para um quarto  
 Sem mais outra companhia  
 Aonde ela começou  
 Dizer-lhe o que pretendia

Pois lhe disse ela: senhor  
 Desculpe a fraqueza minha  
 D'eu procurar lhe falar  
 Dentro de um quarto sosinha  
 Como quem tinha a tratar  
 Uma proteção mesquinha

Porem se assim procedi  
 Foi devido ao grande amor  
 Que sinto marticizar-me  
 Como um ferro abrazador  
 Desde o dia primeiro  
 Que namorei o senhor

Então vim hoje dizer-lhe  
 Que não foi minha vontade  
 Que fez-me esposar um velho  
 A quem não tinha amizade  
 E desprezar o senhor  
 Com a maior falsidade

Pois foi uma feiticeira  
 Que com sua bruxaria  
 Me fez eu pobre inocente  
 Usar desta grosseria

Para casar-me com um velho  
 A quem nem vel-o queria

PLEO.

Porem a pouco este velho  
 Estando para morrer  
 Me chamou p'ra junto dele  
 E me fez disto saber

Dizen lo que fôra a bruxa  
 Que se me assim proceder

E como fiquei viva  
 A sua presença venho  
 Dizer-lhe que a feiticeira  
 Já terminou seu empenho  
 Portanto, posso dizer-lhe  
 O grande amor que lhe tenho

E o senhor em vista disto  
Deve fazer paz comigo  
E tomar me como esposa  
Sem receio do perigo  
Visto que tenho fortuna  
Para partilhar consigo

O senhor concorde isto  
E fuja da pretensão  
De querer ter como esposa  
A neta do tal Cancão  
Que dentro da Parahiba  
Foi tido como ladrão

Terminando estas frases  
Respondeu-lhe João Viana:  
-- Senhora: o seu proceder  
Foi duma mulher profana;  
E eu serei um seu igual  
Se deixar Otaciana

A senhora por um rico  
Cuspiu na minha pobreza  
Eu hoje por uma pobre  
CUSPO na sua riqueza  
Porque dinheiro não vale  
Honra, virtude e nobreza

Hoje a senhora está rica  
Porem lhe falta a capela  
Se Otaciana é pobre  
Mas, possue na frente dela  
As flores da virgindade  
Com que a fez rica e bela

Portanto eu não deixarei  
De beijar uma açucena  
Orvalhada pelo ródio  
Em noite calma e serena  
Por uma digitalina  
Que até o cheiro envenena

Esmeraldina com isto  
Soltou uma gargalhada  
E respondeu-lhe: pois bem  
Vã viver p'ra sua amada  
Podendo já, retirar-se  
E me desculpe a massada

João Viana retirou-se  
Sem dar-lhe mais atenção  
E depois de poucos dias  
Pediu licença ao patrão  
E veio assistir no Rio  
As festas d'uma eleição

Chegando apenas no Rio  
Tomou uma hospedaria,  
E mandou a sua noiva  
Um cartão que lhe dizia,  
Que ficasse a sua espera  
Na tarde daquele dia

Otacíana com isto  
Ficou bastante contente  
Então deixando as costuras  
Tomou um traje decente  
E esperou por Viana  
Na janela impaciente

Quando Viana chegou  
Encontrou-a na janela  
E logo cumprimentou a  
Fazendo o mesmo a mãe dela  
E achou que Otaciana  
Inda estivesse mais bela

Depois de algumas conversas  
Contou-lhe por patuscada  
O que fez Esmeraldina  
Para dele ser amada  
Otaciana tornou-se  
Com isto, um pouco calada

Esmeraldina sabendo  
Que o portuguez João Viana  
Tinha vindo de São Paulo  
Visitar Otaciana  
Preparou-se pra fazer-lhe  
Uma traição deshumana

Pois entendeu de arrancar  
Do portão do muro dela  
A fechadura e por traz  
Arrombou uma janela  
Junto com sua criada  
Alta noite com cautela

Depois logo fez roubadas  
Quatro joias de uma mala  
Arrebentou as gavetas  
De uma mezinha de sala  
E fez depois toda casa  
Parecendo uma sanzala

Como o punhal de Viana  
 Ela estivesse guardado  
 Logo debaixo dos pés  
 Poude fazer-lhe envergado  
 E numa fenda do cofre  
Fe-lo ficar enfiado

Depois com grito de alarme  
 Gritou na porta da rua  
 Socorro dos seus visinhos  
 Fazendo a creada sua  
 Correr atraz da policia  
 Da roupagem simi-nua

Seis soldados da policia  
 Ouvindo aquela zuada  
 Chegaram logo no ponto  
 Onde gritava a criada  
 Sabendo logo por esta  
 Que a ama estava roubada

Os soldados com presteza  
 Correram todo sobrado  
 Em busca do malfasejo  
 E logo foi encontrado  
 O punhal de João Viana  
 No cofre meo envergado

Tendo a policia encontrado  
 O punhal de João Viana  
 Caiu sobre o pobre moço  
 A suspeita mais tirana  
 No outro dia o prenderam  
 Na casa de Otaciana

Interrogado Viana

Respondeu: este punhal

Eu jurando a Esmeraldina

Uma amizade legal

Lh'o dei pra ela matar-me

Se eu lhe dêsse uma rival

Como Esmeraldina estava

Ali presente tambem,

Respondeu: este bandido

É ladrão e mente bem,

Porque a defeza dele

Nem uma verdade tem

Sim; um dia este atrevido

Me falou a casamento!

Porem eu lhe dei o não

Logo no mesmo momento

Já vê que eu não precisava

Deste infame juramento

Se assim fosse eu não teria

Nunca a ele despresado

Para casar-me com outro

Como diz esse malvado

Portanto a sua defeza

Não faz um plano acertado

E já por sua mentira

Fez-me agora acreditar

Que foi porque dei-lhe I fora

Que ele me veio roubar

Trazendo talvez quem sabe

Intenção de me matar

Sò Levou-me quatro joias  
Uma contendo um brilhante  
Um relógio de senhora  
Um colar interessante  
Convem se dar uma busca  
Na casa de sua amante

Nisto Viana lhe disse:  
Mulher perjura e malvada  
Se a justiça que nos ouve  
Dêr crença a tua cilada  
Te peço, qua não ultrajes  
Uma moça reservada

Afinal Esmeraldina  
Como mulher deshumana  
Conseguiu com suas lábias  
Prossessar de João Viana  
E procurar suas joias  
Na casa de Otaciana

Otaciana com isto  
Ficou bastante massada  
E logo antes dum mez  
Estava de retirada  
Sem dizer aonde ia  
Procurar nova pousada

Porem mandou antes disto  
Um cartão a João Viana  
Que lhe dizia: querido  
Prometo a mãe soberana  
Enquanto a vida durar-me  
Ser a mesma Otaciana

João Viana na cadeia  
 Recebendo este cartão  
 Chorou mais de duas horas  
 Fazendo uma exclamação  
 De formas que outros presos  
 Chorraram de compaixão

E quase perde o juizo  
 No dia do seu jurado  
 Depois o juiz lhe disse  
 Qu'ele estava condenado  
 A seis anos de cadeia  
 Sem poder ser apellado

Vendo João Viana preso  
 E Olacina ausente  
 Esmeraldina Diôgo  
 Alem de ficar contente  
 Achou como namorado  
 Um estudante decente

Depois que o dito estudante  
 Declarou-lhe o casamento  
 Ela projectou fazer  
 Em casa um divertimento  
 Sendo o rapaz convidado  
 Logo no mesmo momento

Fazendo muitas convites  
 Por boletins e cartões  
 No dia do baile o povo  
 Não coube nos seus salões  
 De formas que até num pateo  
 Inventaram diversões

Mas, quando o baile chegou  
No ponto mais animado  
Esmeraldina valsando  
Com seu amante de lado  
Sua criada lhe fez  
Uma aceno de chamado

Esmeraldina deixando  
Na sala seu namorado  
Foi perguntar a criada  
O motivo do chamado,  
A qual lhe disse: senhora  
O seu filhinho está roubado

Quando Esmeraldina ouviu  
O que lhe disse: a criada  
Correu em busca do filho  
Charando desesperada  
E não achando a criança  
Caiu como desmaiada

Logo sua cabeleira  
Se fez em dezalinho  
Depois coberta de prantos  
Gritava: ai! meu filhinho  
Aonde estará meu filho  
Sem meus braço de carinho

Ai! meu Deus! gritava ela  
Oh! que tamanho desgosto!  
Antes me queimassem viva  
Ou cuspissem no meu rosto  
Do que tirarem meu filho  
Onde sonhava um encosto

Logo todos convidados  
Ouvindo aquela aflicção  
Se retiraram com pressa  
Levando a triste impressão  
De ter-se dado um desgosto  
No apogeu da função

Em procura do menino  
Eucaminhou-se a polícia  
Empregando para achá-lo  
Todo desejo e pericia  
Porem não houve quem dêsse  
Nem se quer uma noticia

Esmeraldina com isto  
Mais triste inda se fez  
Depois pensando no filho  
Morria de languidez  
Porem lhe veio um cartão  
Matar a sua avidez

O cartão dizia assim:  
--Senhora, venha a S. Paulo  
Pois se tiraram seu filho  
E se deseja encontrá-lo  
Um ganhador lhe promete  
Muito em segredo mostra-lo

O ganhador não lhe diz  
Seu nome, porque tem medo  
Porem ao ver a senhora  
Na estação em segredo  
Lhe dará para sabê-lo--  
O nome de Figueredo

Esmeraldina com isto  
Ficou louca de alegria,  
E logo para S. Paulo  
Embarcou no mesmo dia  
Pra ver se era exato  
O que o cartão dizia

Na estação de S. Paulo  
Velo a ela um rapaz lêdo  
Antes dela apear-se  
Disse o rapaz em segredo:  
- Senhora venha comigo  
Porque sou o Figueredo

Esmeraldina ficou  
Um momento admirada  
Por ver no tal ganhador  
Uma pessoa ilustrada  
Mas como era em segredo  
Salu com ele calada

Adiante o moço disse:  
-- Olhe dona Esmeraldina  
Eu já roubei seu filhinho  
Do poder duma argentina  
Que por ser dama de 1 grande  
Se cumpre o que ela destina

Tendo roubado a creança  
Guardel-a em casa com medo  
Tanto que o meu cartão  
Não me descobre o segredo  
Porque em parte alguma  
Eu me chamo Figueredo

Portanto peço a senhora  
Se fazer de minha irmã  
E sair de minha casa  
As seis horas da manhã  
Para poder conduzir  
O seu filho sem afan

Esmeraldina de alegre  
Lhe disse; com voz de choro  
--Meu bom rapaz tú ganhaste  
Um conto de réis em ouro  
Visto tú teres guardado  
O meu filho, o meu tesouro

Mas adiante o rapazinho  
Apontou de uma calçada  
Dizendo: minha senhora  
Eis ali minha morada  
Aquela casa que fica  
Dentro daquela murada

Quando na casa chegaram  
Ordenou-lhe o rapazinho  
--Minha senhora se queres  
Abraçar o seu filhinho  
Pode entrar naquele quarto  
Que ele estava sosinho

Esmeraldina no quarto  
Entrou logo sem demora  
E o rapazinho disse:  
--Agora nobre senhora  
Para ninguém ofender-lhe  
Lhe feicho a porta por fora

Nisto Esmeraldina ouviu  
 No quarto uma gargalhada  
 E já não vendo seu filho  
 Deu um grito de assombrada  
 E logo poz-se a trêmer  
 Pensando numa cilada

Antes de pedir socorro  
 Saltou-lhe em frente l' sujeito  
 Trazendo um punhal na mão  
 Que logo apontou-lhe ao peito  
 D'endo; minha patrão  
 Só Deus aqui lhe dar geito<sup>3</sup>

Esmeraldina lhe disse:  
 -- Senhor pelo amor de Deus  
 Não me fira não me mate  
 Não termine os dias meus  
 Visto que nunca ofendi  
 Nem ao senhor nem aos meus

Lhe disse o homem: patrão  
 Se lembre do mal que fez  
 Junto com sua creada  
 A um rapaz portuguez  
 Pelo qual vossa mercê  
 Irá morrer desta vez

E se não quizer morrer  
 Na ponta deste punhal  
 É necessario escrever  
 A justiça federal  
 Porque foi que João Viana  
 Foi levado ao tribunal

Esmeraldina de susto  
 Inda teve um pensamento  
 Porem o homem lhe disse:  
 --Se conforme e tome alento  
 Pra fazer o que eu disse  
 Ou espor-se ao sofrimento

F logo deu-lhe um supapo  
 Com fereza deshumana  
 E gritou rangindo os dentes  
 --Vamos ver mulher tirana  
 Se quer 5 punhaladas  
 Ou quer soltar João Viana

Nisso Esmeraldina viu  
 Numa parede trepado  
 Um rapaz com um punhal  
 E seu filho pendurado  
 Dizendo: ou diz a verdade  
 Ou seu filho é traspassado

Quando Esmeraldina viu  
 Seu filho em perigo  
 Gritou: não matem meu filho  
 O que for verdade eu digo  
 Só quero que depois disto  
 Deixem meu filho ir comigo

Pois bem lhe disse o rapaz  
 ai tem papel e tinta  
 Portanto faça com pressa  
 Uma narração destinta  
 De tudo que foi passado  
 Só lhe peço que não minta

Esmeraldina tremendo  
 Escreveu toda cilada  
 Dizendo que fora ela  
 Junto com sua criada  
 Que por vingança a Viana  
 Se fez por ela roubada

Tendo assinado a carta  
 Lhe disse o rapaz: agora  
 Eu serel o portador  
 Desta carta da senhora  
 Mas a senhora está presa  
 Durante a minha demora

O rapaz chegou no Rio  
 Mandou a carta ao juiz  
 O mesmo que tinha dado  
 Razão aquela infeliz  
 E foi ter com João Viana  
 Entre criminosos vis

Chegando disse a Viana:  
 --Eu conheço um cidadão  
 Que garante que o senhor  
 Vai sair desta prisão.  
 Porque dona Esmeraldina  
 Vai requerer seu perdão

João Viana respondeu:  
 --Esta pessoa se engana  
 Pois não conhece do ciúme  
 Daquela mulher profana  
 Que antes quer ver me preso  
 Que amar Otaciana

Porem se eu inda um dia  
 Encontrar minha querida  
 Não deixarei de cumprir  
 Minha jura prometida  
 Embora aquela perjura  
 Me desfolhe a flor da vida

O rapaz lhe respondeu:  
 --Quando o senhor se soltar  
 Me procure sem demora  
 Em casa de João Vilar  
 Que irei junto comsigo  
 Sua noiva lhe mostrar

Assim que o rapaz salu  
 O juiz mandou soltar  
 João Viana da cadeia  
 E a Esmeraldina intimar  
 Não sendo ela encontrada  
 Veiu a aia em seu lugar

[ O juiz fez logo esta  
 Descobrir todo passado  
 E Viana em vista disso  
 Encontrou advogado  
 Pra fazer Esmeraldina  
 Pagar-lhe crime imputado

E na casa do Vilar  
 Sem demora procurou  
 O rapaz que na cadeia  
 Do seu perdão lhe falou  
 E a mãe de sua noiva  
 Na dita casa encontrou

Vendo a mãe de sua noiva  
Exclamou João Viana;  
--Minha senhora por Deus  
Me fale de Otaciana  
Nisso disse-lhe o rapaz:  
Olhe a mim que não o engana

João Viana logo olhou  
Ao rapaz com grande espanto  
Vendo nele sua noiva  
O seu espanto foi tanto  
Que ficou como pasmado  
Sem poder sair do canto

Otaciana vestiu-se  
De mulher ligeiramente  
Logo se apresentou  
A Viana tão decente  
Que sem poder lhe falar  
Poz-se a chorar de contente

Porem logo Otaciana  
Pondo lhe o braço por cima  
Sentou-se pertinho dele  
Como a mãe que ao filho mima  
Dizendo: meu grande amor  
Eu te tenho grande estima

È tanto que vou contar-te  
Como foi tua soltura:  
Pois não foi pela vontade  
Daquela mulher perjura,  
Foi sim porque obriguel-a  
Por meio duma aventura

Assim que tu foste preso  
Eu logo entendi comigo  
Guardar mamãe nesta casa  
De meu compadre e amigo  
E tomar roupa de homem  
Para enfrentar o perigo

Comprei uma cabeleira  
De homem, com muito jeito  
Por cima de meus cabelos  
Coloquei-a tão direlto  
De formas que depois disto  
Tornei-me um rapaz perfeito

Mandei compadre Vilar  
Alugar casa em S. Paulo  
Porem com nome trocado  
Para ninguem procura-lo  
E o filho da perjura  
Fui trabalhar pra rouba-lo

PLEO

Como ela dêsse um baile  
Eu pude me introduzir  
Na casa dela as ocultas  
E o menino adquerir  
E pelas portas trazeiras  
Pude então me escapolir

RIMA

Ela louca pelo filho  
Sem saber onde encontra lo  
Eu fiz ela facilmente  
Iludida ir a S. Paulo  
E cair nas minhas mãos  
E por fim mandar solta-lo

E como eu tenho guardado  
Nesta casa o filho dela  
Vou entrega-lo ao juiz  
Porem com toda cautela  
Depois tambem mandarei  
Meu compadre soltar ela

Viana só fez dizer-lhe:  
--Tu és um anjo perfeito;  
E ela logo vestiu se  
De homem, e por um sujeito  
Poude mandar o menino  
Para o juiz de direito

E logo para o compadre  
Escreveu na mesma hora  
Que voltasse Esmeraldina  
E fugisse sem demora  
Deixando a casa fechada  
Mas, com a chave por fora

Esmeraldina ao soltar-se  
Dirigiu-se a chefatura  
E fez a policia ir  
Do filho dela e procura  
Mas, já não tinha ninguem  
Nos quartos da casa escura

Isto fez a desgraçada  
Encher-se mais de tristeza  
E embarcou para o Rio  
Chorando sua incerteza  
Mas, logo ao chegar no Rio  
Pela policia foi presa

O juiz fez ela dar  
 Dez contos a João Viana  
 Para pagar a injuria  
 E quatro a Otaciana  
 E tratou de processa-la  
 Como culpada e profana

Ela devido o processo  
 Não ficou advogado  
 No Rio, que não ganhasse  
 Dela um dinheiro avultado  
 E depois para livar-se  
 Inda vendeu o sobrado

O nolvo este deixou-a  
 Sem dar-lhe satisfação  
 O pai tambem despresou-a  
 Sem medir-lhe a precisão  
 De formas que ela ficou  
 Sem a menor proteção

Vendo-se assim desgraçada  
 Sem nenhuma esperança  
 E como um tio do filho  
 Fosse tutor da creança  
 Foi entregar-lhe o menino  
 Pensando numa vingança

Tendo sua mãe morrido,  
 Ela então para Argentina  
 Sosinha logo embarcou  
 Abraçando a negra sina  
 Pois em Buenos Ayres  
 Se fez grande concubina

No entanto João Viana  
Foi desfrutar sua sorte  
Ao lado de Otaciana  
Pois tomou-a por consorte  
Sempre mostrando um ao outro  
Um amor sincero e forte

Passado já cinco anos  
João Viana possuía  
Mais de cem contos de réis  
E seu papel crescia  
Pelos negócios rendosos  
Que sempre e sempre fazia

Uma tarde ele passando  
Em frente a certo sobrado  
Que ficava nos subúrbios  
De um lugar reservado  
De cuja porta um rapaz  
Deu-lhe um grito de chamado

João Viana tendo ouvido  
O rapaz chama-lo então  
Retrocedeu logo os passos  
Para prestar-lhe atenção  
O rapaz lhe deu o braço  
E levou-o pra um salão

Ambos chegaram ao salão  
Saltaram trez mascarados  
E pegaram João Viana  
Todos trez bastante armados  
Dizendo: nós precisamos  
Dez contos hoje emprestados

Viana logo gritou-lhe:  
 Meus senhores deixem disto  
 Suspendam já seus punhais  
 Pelos os tormentos de Cristo  
 Pois não precisam ferir-me  
 Vendo pois que não resisto

Os sujeitos lhe disseram  
 Pois não veja dinheiro  
 E dê também estas joias  
 A este bom companheiro  
 Visto que ele foi chama-lo  
 Como amigo verdadeiro

Disse Viana: senhores  
 Podem crer no que vos digo  
 Se tenho dinheiro em casa  
 Mas não tenho aqui comigo  
 Porém não darei minhas joias  
 De presente ao vosso amigo

Os demonios responderam:  
 Pois como não traz dinheiro  
 Escreva a sua senhora  
 Em nossa vista ligeiro  
 Pra ela entregar dez contos  
 A este bom companheiro

Mas veja como fez isto  
 Porque se sua senhora  
 Não lhe mandar o dinheiro  
 Para nos remir agora  
 Nossos punhais afilados  
 Lhe traspassam sem demora

João Viana vendo então  
O momento perigoso  
Escreveu eles ditando  
Uma carta e já nervoso  
Entregava sua sorte  
Nas mãos de Deus poderoso

A carta dizia assim:

Minha esposa mande já  
Dez contos de réis contados  
Que agora não posso ir lá  
Pois vou fazer um negocio  
Que outro melhor não há

Não tenha cisma nenhuma  
Deste rapaz porfiador  
E veja então na gaveta  
Da mesa do corredor  
Que dentro eje estará  
Bem guardado este valor

Foi o rapaz com a carta  
Um mascarado atrevido  
Disse para João Viana  
Portuguez tredo e bandido  
Tu hoje me pagarã  
Tudo que tenho sofrido

E gritou tirando a mascara  
Olha eu sou Esmeraldina  
Que venho dar-te a lambar  
O lódo da minha sina  
Pois foi tu que fizeste  
Eu hoje ser cocunbina

Depois de muitas pirraças  
 Ela poz em João Viana  
 O punhal no peito e disse:  
 Esse ferro não me engana  
 Mas quando foi empurra-lo  
 Viu em frente Otaciana

Otaciana gritou lhe:  
 Esmeraldina Diôgo  
 Tenho gloria em dizer-te  
 Que perdeste neste jogo  
 Embora que tu me chame  
 Neta de Cancão de Fogo

Logo 14 soldados  
 Com a maior rapidez  
 Agarrando Esmeraldina  
 Prendendo os 3 duma vez  
 Sendo que o rapaz correio  
 Já se achava no xadrez

Porque quando Otaciana  
 Leu a carta do marido  
 Observou no tal moço  
 Um olhar muito atrevido  
 Pelo qual ela notou-lhe  
 A presença dum bandido

Correndo logo pra banca  
 Como ponto essencial  
 Quando abriu a gaveta  
 Dentro só tinha um punhal  
 Isto lhe fez entender  
 Uma arriosa fatal

E como logo avistou  
Por acaso João Vilar  
Gritou-lhe: meu bom compadre  
Se prepare pra lutar  
Com este senhor presente  
Que veiu aqui me roubar!

João Vilar que para lutar  
Tinha bastante pericia  
Logo prendeu o rapaz  
E botou para a policia  
Aonde sendo obrigado  
Descobriu toda malicia

Otaciara sabendo  
Que a perjura Esmeraldina  
Para matar João Viana  
Tinha vindo da Argentina  
Correu ao socorro dele  
Como uma esposa heroína

E tendo feito as prisões  
Criou dois advogados  
E processou da perjura  
Como tambem dos culpados  
E todos quatro sairam  
No juri sentenciados

Depois disto Otaciara  
Foi ter um dia bem cedo  
Na prisão de Esmeraldina  
E não lhe disse o segredo:  
--Minha senhora eis aqui  
O ganhador Figueredo

Esmeraldina com isso  
Soltou um grande gemido  
Depois disse: oh! miserável  
Se antes tinha sabido  
A muito eu tinha deixado  
Sem mulher o teu marido

Otaciãna saindo  
Foi então gratificar  
Com quatro contos de réis  
Os serviços de Vilar  
O qual sendo muito pobre  
De prazer poz se á chorar

João Viana então temendo  
Outra cilada fatal  
Partiu com Otaciãna  
Para o seu paiz natal  
Visto que sua familia  
Era toda em Portugal

**FIM 11-10-1948**

**Preço: 3 Cruzeiros**

202  
TIP. S. FRANCISCO

Mantém um variado sortimento de Romances, Folhetos, Novenas, Orações, etc. Vários artigos escolares, Livros didáticos, Ginasiais e Manuals profissionais, Papel para enfeitos e desenhos. Também tem a venda o famoso "LUNÁRIO MODERNO", com todos os cálculos astrológicos para o inverno do Norte brasileiro. Também attendemos Reembolso Postal para qualquer parte do Brasil.

Visitem a TIP. S. FRANCISCO de  
*JÉ. BERNARDO DA SILVA*  
RUA STA. LUZIA 263 - Luzero do Norte

FABRICA DE DOCES **ALVANIRA**

ANTONIO TAVARES

RUA S. PEDRO, 801 - JUAZEIRO GRANDE

A FABRICA ALVANIRA convida a todos que desejam comprar doces especiais e baratos, como sejam: Goiabadas, Bananas, Caju, Burlis e Mariolas em latas e barras. Higiene, gosto agradabilissimo e esmerada fabricação. Frutas rigorosamente selecionadas.  
Vendas em grosso e a retalho.

Joaquim Cesário Ourives, agente  
de folhetos da Tip. S. Francisco  
Vende Ouro, Prata etc.

COROATÁ - MARANHÃO